

## ***Mary Stuart* de Friedric Schiller, a adaptação de Robert Icke e a encenação de Nelson Baskerville: uma reflexão sobre os obstáculos do protagonismo feminino**

LUIS MARCIO ARNAUT DE TOLEDO

Doutor em Artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) - Área de Concentração: Teoria e Prática do Teatro, Mestre em Engenharia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialização em Teatro-Educação pela Faculdade Paulista de Artes (FPA), com Aperfeiçoamento em Planejamento de Sistemas Energéticos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), graduado em Licenciatura em Teatro pela Faculdade Paulista de Artes (FPA) e Engenharia Civil pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pós-doutorando no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-UNICAMP), sob a supervisão do Prof. Dr. Marcelo Lazzaratto.

Afiliação: Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9301-2339>

## RESUMO

Este trabalho traça um breve perfil comparativo da obra dramaturgical *Mary Stuart* de Friedrich Schiller com a adaptação de Robert Icke, de 2017, e com o espetáculo brasileiro dirigido, em 2022, por Nelson Baskerville, criado a partir desta adaptação. São investigadas as diferenças básicas na interpretação histórica sobre Mary Stuart e suas reverberações na contemporaneidade política, social e cultural do Brasil. Como resultado, a reflexão apresenta Schiller preocupado com a sublime perfeição métrica de seu lirismo e as questões históricas que envolvem a tecitura da personagem da monarca; Icke revela as estruturas da misoginia da sociedade britânica contemporânea com sua adaptação; e Baskerville parametriza seu espetáculo com os acontecimentos político-históricos brasileiros sobre a questão da mulher no poder e o patriarcalismo, identificando correspondência do processo de execução de Mary Stuart com o *impeachment* de Dilma Rousseff.

## PALAVRAS-CHAVE

Mary Stuart, Friedrich Schiller, Robert Icke, Nelson Baskerville, Protagonismo feminino.

## ABSTRACT

This work draws a brief comparative profile of the dramaturgical work *Mary Stuart* by Friedrich Schiller with the 2017 adaptation by Robert Icke, and with the Brazilian 2022 stage show directed by Nelson Baskerville, created from this adaptation. The basic differences are investigated in the historical interpretation of Mary Stuart and its reverberations in the political, social and cultural contemporaneity of Brazil. As a result, the reflection presents Schiller concerned with the sublime metrical perfection of his lyricism and the historical issues that involve the weaving of the monarch's character; Icke reveals the structures of misogyny in contemporary British society with his adaptation; and Baskerville parameterizes his show with Brazilian political-historical events on the issue of women in power and patriarchy, identifying the correspondence between the process of Mary Stuart's execution and Dilma Rousseff impeachment.

## KEYWORDS

Mary Stuart, Friedrich Schiller, Robert Icke, Nelson Baskerville, Female protagonism.

## 1. Introdução<sup>1</sup>

Há poucas rainhas da Idade Moderna tão celebradas pela literatura, cinema, teatro e outras mídias como Mary Stuart [1542-1587]. A narrativa da sua trajetória de vida serve convenientemente aos tabloides, pois, em uma análise rasa, trata-se de uma mulher às voltas com uma paixão, sacrificando sua coroa para viver esse amor impossível – um tema palatável e atrativo ao público burguês.

Nos dias atuais, Mary Stuart é uma figura popular na cultura popular, com várias obras de mídia retratando-a como uma heroína trágica, opondo-se a Elizabeth I e enfrentando julgamentos injustos. Essas representações contemporâneas de Mary Stuart têm gerado um grande número de aficionados que defende sua honra e legado. Apesar da popularidade do mito da rainha flagelada por outra, cada obra oferece uma interpretação única e original das duas monarcas, muitas vezes extrapolando os paralelismos históricos (DRUMMOND NETO, 2016). Desta forma, as duas rainhas sobrepujam suas biografias, desempenhando personagens românticas, sobretudo herdadas da figuração dramaturgica de Friedrich Schiller, e moldadas à interpretação burguesa.

Com o advento contracultural do feminismo e suas manifestações, foi somente a partir da década de 1960, no entanto, que a mulher e seus contextos se tornaram objeto de estudo cada vez mais recorrente entre as ciências sociais e antropológicas. Essa resistência tem levado o sistema a repensar o papel da mulher na sociedade e sua subjugação no contexto machista, misógino e patriarcal. O que se observa, portanto, é um verdadeiro resgate de certas personalidades femininas históricas, entre elas, Mary Stuart e Elizabeth I.

O dramaturgo e poeta alemão Friedrich Schiller [1759-1805] assumiu as bases históricas da vida de Mary Stuart e Elizabeth I para construir uma de suas mais famosas obras para o teatro: *Mary Stuart* [escrita entre 1799-1800] (SCHILLER, 1983). Sua obra retrata os últimos dias de vida da rainha, criando um encontro fictício entre as duas. “A história não registra o encontro entre

• 272

---

1 O artigo foi composto a partir da participação do autor na equipe de montagem da peça *Mary Stuart*, de Schiller, adaptação de Robert Icke e direção de Nelson Baskerville em 2022, em São Paulo, em cartaz no teatro do SESI. O autor realizou pesquisa histórica, política e social para contextualização do espetáculo, bem como elaborou textos para o programa.

Elizabeth I e Maria Stuart. A fantasia de Schiller o criou para mostrar a grandeza da protagonista da peça” (BANDEIRA, 1983, p. XXV).

A obra alemã é tão importante para a cultura romântica e a historiografia do teatro mundial que influenciou muito dos mitos e lendas sobre as duas rainhas, moldando também suas histórias e confundindo o público com ficção e realidade, juntas ou sobrepostas.

Este trabalho traça um breve perfil comparativo da obra dramaturgica de Schiller com a adaptação de Robert Icke (2022; 2016), de 2016, apresentada em Londres em 2017 e 2018, e com o espetáculo brasileiro dirigido por Nelson Baskerville, em 2022 [em cartaz no Teatro do SESI de agosto a novembro], criado a partir desta adaptação. Objetiva-se compreender as diferenças e semelhanças básicas na interpretação histórica sobre Mary Stuart e suas reverberações na contemporaneidade política, social e cultural do Brasil, a partir dos pressupostos cênicos e dramaturgicos dos três artistas, com uma ênfase mais articulada na encenação de Baskerville, pelo fato de fazer remissões aos fatos políticos e sociais contemporâneos brasileiros – elementos que serão citados e comentados criticamente. O principal foco analítico está na identificação de como os três artistas abordam questões pertinentes à sua contemporaneidade, a partir dos contextos políticos e históricos da história de Mary Stuart.

273

## 2. A rainha Mary Stuart por Friedrich Schiller

- Johann Christoph Friedrich von Schiller é reconhecido como um dos maiores dramaturgos românticos e teóricos literários da Alemanha, com sua obra tenazmente consumida e estudada em todo o mundo. Além de poesia, escritos diversos e dramaturgia, desenvolveu teorias literárias sobre o belo e o sublime que se tornaram imprescindíveis para o estudo da filosofia da arte e do romantismo alemão. Ele buscava, em suas obras, a perfeição estética, o sublime.

Seus estudos e sua obra artística, inclusive seus debates com Goethe, uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, foram um grande marco para o surgimento desse movimento literário, visto a grande valorização dos princípios iluministas e da classe burguesa. Escreveu dez peças teatrais, deixando uma inacabada. Destacam-se, entre elas, *Os bandoleiros* [1781], *Intriga e amor* [1783] e *A noiva de Messina* [1803].

Seus escritos filosóficos também se distinguem: *Cartas filosóficas* [1786] e *Cartas sobre a educação estética do homem* [1795] têm uma importância singular no estudo teórico da Estética e do entendimento dos conceitos de belo, feio, sublime e grotesco.

O texto original da peça *Mary Stuart* (SCHILLER, 1983) é reconhecido como uma das obras de maior destaque do pré-romantismo alemão, famosa por ser considerada uma criação, em termos de forma e conteúdo, que eleva a obra do autor para um reconhecimento literário que o aproxima de Shakespeare, Lope de Vega, Racine, Marivaux e Cervantes.

A ação da peça está centrada nos últimos três dias de Mary Stuart, a rainha da Escócia, antes de ser degolada em Fotheringhay, uma execução sumária, assinada pela prima Elizabeth I, então rainha da Inglaterra. O casamento francês, bem como o breve e conturbado reinado escocês e a prisão por 18 anos na Inglaterra não deixam de ser abordadas por Schiller por meio de uma análise retrospectiva.

Embora enaltecendo os reinados inglês e escocês, expediente típico do Romantismo, Schiller não foi fiel aos relatos históricos. A força de sua obra está na compreensão das situações histórica e política das duas rainhas naquele panorama.

Schiller, de resto, jamais se preocupou em ser fiel à história e muitos acontecimentos aparecem em *Maria Stuart* deslocados do tempo em que realmente aconteceram. Muitas personagens estão também, como observa o tradutor da obra, Manuel Bandeira, 'psicologicamente deturpadas'. A prisão de Maria, por exemplo, durou dezenove anos, - e na peça é reduzida a sete; o processo, que na realidade se prolongou por três meses, em Schiller reduz-se a três dias; tanto Maria quanto Elizabeth estão rejuvenescidas em cerca de vinte anos, em relação à época em que ocorreram os fatos. Mortimer é uma personagem criada inteiramente pela imaginação de Schiller, bastante influenciada pelo pré-romantismo em seus arroubos e impulsos apaixonados. Criação do poeta é também o propalado amor entre Maria e Leicester. O conde de Shrewbury, que aparece em *Maria Stuart* intercedendo pela condenada, na realidade, foi um dos homens que mais se empenhou por sua condenação. Mas a

• 274

liberdade com a qual o poeta abordou a história foi inteiramente propositada, pois era seu objetivo, mais do que ser exato, extrair todo o drama do conflito entre Elizabeth e Maria Stuart (BANDEIRA, 1983, grifos do autor, p. XXIII-XXIV).

O dramaturgo faz um exame histórico das questões humanas e políticas que envolviam as duas mulheres e suas coroas, expostas a uma conveniência política perturbadora, dissimulada na força da lei de sua época. Sendo assim, os juízes sofrem pressões ou conflitos ideológicos, especialmente com a religião, que Robert Icke<sup>2</sup>, por sua vez, identifica em sua adaptação como sendo as forças patriarcais que obstruem a subjetividade feminina.

Enaltecendo a figura da mulher e a coroa real, o romântico Schiller faz da tragédia *Mary Stuart* um triunfo feminino diante do que se chamava justiça. Ao aceitar o veredicto do tribunal inglês, a rainha escocesa coloca-se, ela mesma, como uma pecadora junto à ideologia católica, imolando-se para Deus. Sai, assim, vencedora perante sua degolação: a morte foi uma libertação estigmatizada, associada com a mística religiosa, criando, assim, o mito da rainha mártir (DRUMMONT NETO, 2016).

Uma das atenções mais importantes que Schiller dá para sua escrita é na exposição da forma e sua performance lírica – sua preocupação mais contundente, mais até do que a histórica. O texto original é escrito em versos pentâmetros iâmbicos<sup>3</sup>, porém com pequenas fugas das próprias teorias da beleza poética – a perfeição métrica. Tomou, assim, algumas liberdades literárias para a estrutura de composição, não utilizando a unidade métrica. Há versos que não são decassílabos, perdendo na sonoridade e nas rimas, que deveriam ser brancas. O resultado é um texto de um autor que ousa experimentar soluções diversas daquilo que ele mesmo havia definido formalmente como belo e sublime. A peça possui cinco atos e 4.033 versos quase inteiramente pentâmetros iâmbicos não rimados. As rimas só acontecem

275

---

2 As informações sobre os espetáculos de Robert Icke no Reino Unido citadas neste trabalho foram colhidas das descrições feitas pelo diretor em seu próprio site, onde também constam documentadas entrevistas e reportagens sobre a recepção de sua obra (ROBERT, 2022).

3 São versos que consistem em cinco pés iâmbicos, em que cada pé é composto por uma sílaba tônica seguida de uma sílaba átona.

nos momentos em que as ações crescem em tensão ou em emoção. O trecho que segue é o último monólogo de Mary Stuart, na famosa tradução brasileira:

Maria:

*(Leicester parece aniquilado. Ela continua com voz mais branda.)*

Sim, Leicester, e não era

Somente a liberdade que eu queria

Ficar devendo ao vosso braço: nele

Apoiada e feliz, em vosso afeto

Eu pensava gozar as alegrias

De nova vida. Agora, que estou prestes

A apartar-me do mundo e converter-me

Em puro espírito, a quem já não tenta

Nenhuma inclinação terrena, agora

Poderei, sem que core, confessar-vos

A fraqueza vencida... Se o puderdes,

Vivei feliz! Adeus! Duas rainhas

Pretendestes. Traístes, desprezastes

Um coração amante por vencer

O duro coração de uma orgulhosa!

Pois ajoelhai aos pés de Elizabeth!

Que a vossa recompensa não se mude

Em vossa punição! Adeus! Já nada

Me resta sobre a terra!

*(Sai, precedida pelo xerife. Melvil e Kennedy caminham ao lado dela. Atrás sem Burleigh e Paulet. Os demais seguem-na com os olhos, manifestando o seu profundo pesar, até ela desaparecer; depois saem pelas duas outras portas.)* (SCHILLER, 1983, p. 210-211).

• 276

No Brasil, a tradução publicada que se tornou conhecida, aqui utilizada, foi empreendida pelo poeta pernambucano modernista Manuel Bandeira em 1955. Foi contratado pelo Teatro Brasileiro de Comédia [TBC] e se tornou uma obra prima da poesia em língua portuguesa, embora o tradutor não tenha sido fiel ao texto de origem. Mesmo assim, Bandeira manteve grande parte dos diálogos em decassílabos brancos rigorosamente metrificados.

### 3. A adaptação de *Mary Stuart* de Robert Icke

Robert Icke é um premiado escritor, diretor e encenador inglês que atua no teatro e no cinema. Atualmente, faz residência no *International Theatre de Amsterdam* [Teatro internacional de Amsterdã], apoiado pela Fundação Philip Loubser. É um jovem de apenas 35 anos, mas seu prestígio extrapola todas as barreiras de idade e países. É hoje o mais jovem homem de teatro do Reino Unido que acumula os prêmios: *Evening Standard* de Melhor Diretor, do *Critics' Circle Award*; o Prêmio *Kurt Hübner*, por sua produção de estreia na Alemanha; e o Prêmio *Olivier* [o mais importante do teatro inglês] de Melhor Diretor, do qual ele é o mais jovem vencedor de todos os tempos. É membro da *Royal Society of Literature* [Sociedade real de literatura].

Como dramaturgo e encenador, adapta textos famosos da literatura e do teatro. Seus espetáculos trazem as reflexões históricas e políticas dos textos originais para a realidade contemporânea, expondo a atualidade dessas narrativas de uma forma antes não considerada. É uma reinvenção dos clássicos para o que ele mesmo chama de uma *nova era* (ROBERT, 2022). Para isso, Icke é radical, fazendo o caminho reverso: não quer contar uma história simplesmente, não há na dramaturgia clássica apenas um conteúdo de visualidades teatrais para encher os olhos burgueses de entretenimento e satisfação histórica. O encenador procura a ferida que ainda não se curou na contemporaneidade, encontra e tenta sangrá-la. Esta exposição tem sido sua marca artística, revolucionando o teatro inglês contemporâneo.

277  
• A naturalidade com que trata personagens clássicas de Shakespeare, Ésquilo ou George Orwell é assustadora para os olhos de quem espera apenas a literalidade ou os contrastes miméticos de uma demarcação apenas histórica ou literária. Em seu trabalho, ele manipula o acaso para que se revelem, então, reflexões acerca das pautas contemporâneas que sempre estiveram engendradas dialeticamente nos originais dos autores clássicos – porém, negligenciadas, nunca foram perscrutadas, arremessadas ao palco com força, direção e destreza.

Não é de se estranhar que grandes atores e importantes instituições tanto da Europa quanto dos Estados Unidos tenham se interessado por este jovem que consegue revelar contextos ainda não desvendados destes clássicos.

Sua adaptação de *Mary Stuart* foi fortemente aclamada no Reino Unido. O texto original de Schiller é esgarçado por Icke, o que faz vazar não o sangue da execução da rainha escocesa, mas o pus que engendrava um reinado

elisabetano composto por homens manipuladores que não aceitavam uma mulher no poder. Com essa chave, o encenador parece narrar a mesma história, revelando-a pelo viés inédito das mulheres, estruturas dramaturgica e histórica quase sempre negligenciadas.

Não é o que já se sabe da História o mais importante para Icke, mas o que ainda não se contou dela, o que precisa ser dito para revelar e conscientizar. Não que Icke seja didático ou panfletário, ao contrário, sua acidez é dolorida e não levanta bandeira identitária. E faz isso apenas revelando feridas, tocando e as apertando. Para ele, o reverso é uma ferida aberta.

Para Schiller, Elizabeth I e Mary Stuart eram mulheres historicamente diferentes entre si e lutavam com energias e personalidades diferentes por um reino. Para Icke, elas são iguais, qualquer mulher pode ser uma delas. Embora com vidas diferentes, subjetividades e contrassensos, são duas rainhas no limite, espelhando o papel da mulher na sociedade, a divisão sexual do trabalho, a violência contra a mulher, a desigualdade e o abismo religioso que a julga e lança a primeira pedra.

Os homens as manipulam, porém elas encontram formas de viver suas subjetividades, tomando suas próprias decisões. Está aí a força feminina que Icke identifica na história clássica de Schiller, recontada para o público atual. Para o encenador, as duas rainhas não precisam de grandes figurinos, nem mesmo uma visualidade histórica na maquiagem ou nas perucas – elas usam o mesmo figurino que os homens (ROBERT, 2022), afinal são um reflexo deles, por intenção deles mesmos. O encenador tem na interpretação das atrizes a alavanca para identificar a força dessas mulheres que precisam sobreviver na condição de opressão e na eminência do embargo patriarcal.

Na encenação de Icke, antes de começar a peça, duas atrizes adentravam o palco, jogavam uma moeda: Cara! Coroa! Em inglês, cara seria *Heads*, ou seja, cabeça. A atriz que tirava *Heads* faria o papel de Mary Stuart naquela noite – a rainha que terá a cabeça decepada. Essa casualidade permitia que o público estivesse muito mais próximo da encenação: pode ser você, pode ser ela, pode ser qualquer uma. Porque o homem está vindo logo atrás, os homens vêm depressa, correndo para refrear, para degolar, massacrar e impedir que exista sequer a possibilidade de que a mulher consiga se expressar ou ter o poder (ROBERT, 2022).

Na encenação de Icke, a morte de Mary Stuart perturba pelo conteúdo político: o palco giratório com as duas rainhas permite que, ao passarem pelo

grupo de homens, Stuart seja desnudada e Elizabeth, ao mesmo tempo, vestida por eles (ROBERT, 2022). Uma simbologia que elege o papel do homem no jogo de poder, no que se chamou de justiça e onde a contemporaneidade se assusta ao perceber o silenciamento, a manipulação e o patriarcalismo. No texto, no entanto, Icke deixa claro a força de uma mulher consciente de sua participação na vida do amante Leicester, muito mais nas cortes inglesa e escocesa.

Mary:

*Mary olha para Leicester*

Você manteve sua palavra. Você me disse que iria me libertar  
Estou indo agora.

*Ele parece aniquilado. Ela fala a meia voz.*

Não era apenas a minha liberdade que eu queria  
dar para você – eu queria que você fizesse as coisas valerem a  
pena

Os anos de miséria – mantidos pelo seu amor

Achei que pudéssemos criar uma vida nova inteirinha.

E agora, quando a Terra escorre de mim

e no ar iluminando, sou um espírito,

agora posso falar para você – sem qualquer vergonha,

você me conquistou. Você me conquistou de verdade.

Leicester. Adeus. Seja feliz, se você puder.

Você deu amor para duas rainhas. Você fez sua escolha

Você escolheu o coração orgulhoso, não o coração amoroso.

Ajoelhe diante de Elizabeth. Espero

que minha partida seja um lucro

e não uma perda maior. Não tem mais nada

para mim na Terra.

*Leicester luta para se controlar. Ele não consegue falar. Os outros  
homens olham para ele: Mary acaba de confirmar que ele tomou  
parte no complô contra Elizabeth. Ela só deixou para ele a chance  
de desaparecer.*

*Talvez a gente ouça o barulho das multidões.*

*Mary caminha, de mãos dadas com Kennedy, para a sua execução  
(ICKE, 2022, p. 103-104).*

279

•

Não há os versos originais do texto clássico de Schiller (ICKE, 2016), Icke adapta os diálogos para o inglês britânico, retira o clima sisudo da poesia

decassílabo de origem, para entregar um texto de chegada com um dialogismo fluido, perspicaz, que vai diretamente na ferida, como o trecho abaixo, onde aponta a falta de neutralidade da justiça dos homens.

Mary:  
Senhor – senhor Lorde Burleigh  
Certamente serei culpada por causa de uma lei  
Concebida e aprovada expressamente para me condenar:  
Esses mesmos homens, os seus juízes, *escreveram*, esse Ato!  
Você não pode – por favor – negar  
que esse Ato era uma armadilha dirigida a mim – (ICKE, 2022, p. 21).

Como não há o foco formal da dramaturgia elisabetana, a adaptação permite uma penetração do público dentro do espetáculo, com diálogos mais objetivos. Icke escolhe apenas as cenas mais lapidadas, torneia as palavras e as falas das personagens para que o público contemporâneo não estranhe a forma poética não coloquial e não se perca naquilo que é fundamental para a encenação, a percepção da principal matéria que quer circular em sua adaptação: as contrariedades da sociedade que precisava manter as tradições seculares do reinado, mas não dava conta em segurá-las com o machismo, o conservadorismo religioso e a negação da mulher enquanto ser presente, capaz e igualitário (ROBERT, 2022). • 280

Mortimer:  
Fui criado no Protestantismo – quando criança  
me ensinaram a odiar o Catolicismo  
e ver ele como uma ideologia perigosa – uma ameaça –  
E eu acreditei fervorosamente nisso – até  
os 20 anos, aí fui ver o mundo, na França  
acabei no meio de multidões se acotovelando – peregrinos  
Muitos,  
Fui levado por aquela corrente até Roma,  
e Deus me mostrou sua Igreja, a Igreja Católica  
E lá – ah Deus, tudo o que eu vi  
eu mal podia respirar

Os pilares, os arcos, a arquitetura, tudo erguendo  
nossa percepção desse mundo para o céu.  
A fé protestante que eu seguia odeia as artes  
Tira a cor do mundo – e a luz –  
e diz que o mundo sem nada deve ser suficiente.  
Então eu nunca tinha visto o poder da arte – mas  
agora, a música dos céus parece o orvalho da primavera  
caindo do telhado das igrejas  
E eu posso ver – e ouvir – e tocar – a pura santidade  
no mundo – vi o papa falar para o povo – e abençoar/o povo (ICKE,  
2016, p. 11-12).

A dramaturgia de Robert Icke, portanto, tem uma força humana preponderante para o público atual: é chegada a hora de revelar as verdades históricas sobre *Mary Stuart* e a mulher é a protagonista por ser mulher e não por ser uma rainha, como o faz Schiller. Uma conjuntura que precisa ser declarada, sob um ângulo nunca antes considerado nos livros de história e que dá conta das pautas contemporâneas. Desta forma, Icke expõe os pontos nevrálgicos da sociedade e da História, a misoginia e o patriarcalismo.



Figura 1. Cena com o elenco da montagem da adaptação de Robert Icke no *Almeida Theatre*, em Londres, em 2018. Gilbert (2018). Fotografia de Miles Aldridge.

#### 4. O espetáculo *Mary Stuart* de Nelson Baskerville

O que leva a peça de Baskerville para uma reflexão sobre os dias atuais tem a ver, principalmente, com a adaptação de Icke, o distanciamento da obra original de Schiller e os acontecimentos recentes da História do Brasil. O encenador inglês ressalta em seu texto as ações masculinas, dominando a máquina chamada justiça. Portanto, é inevitável perceber que existe um paralelismo entre a tragédia de Stuart com o processo de *impeachment* da ex-Presidenta Dilma Rousseff, igualmente liderado por homens e suas leis.

No programa do espetáculo, Baskerville traz a seguinte afirmação:

Espero que o público atual entenda e associe essa *Mary Stuart* de Schiller (aqui na adaptação de Robert Icke), um texto escrito em 1800, à nossa atualidade pensando em abuso do poder e injustiças então entre nós desde o princípio de tudo. Um mundo de rainhas onde os homens (como sempre) tentam dar as cartas, um poder que aprisiona tanto quanto o próprio cárcere e a não admissão de opiniões opostas. Aqui vemos e entendemos o começo das radicalizações tanto da igreja católica quanto da protestante, criada pelo Rei Henrique VIII, justamente para tentar conter o poder excessivo dos papas. Massacres foram e são realizados em nome dos deuses e isso diz muito sobre o que estamos vivendo nesse momento aqui mesmo no nosso território. Que a nossa *Mary Stuart* divirta e faça refletir (BASKERVILLE, 2022).

Parece que a associação esperada pelo diretor aconteceu. Na reportagem de Bruno Cavalcanti para o jornal Folha de S. Paulo, ao entrevistar a idealizadora do projeto, a atriz Virginia Cavendish, que interpreta ela própria Mary Stuart, afirma:

Dilma é referência nessa história, e isso me revolta até hoje. Foram esses homens que a tiraram do poder. Esses mesmos homens que decapitaram a Mary Stuart são os que fizeram com que Elizabeth estivesse em suas mãos. Stuart só foi decapitada porque deu vazão a seus desejos, amou, trocou de homem e, por isso, mereceu a morte. Elizabeth seguiu as rédeas do seu desejo e, por isso, ficou no poder. Ela tinha uma inteligência política, mas uma só existe por causa da outra (In CAVALCANTI, 2022).

Se Baskerville e Icke viram no texto original de Schiller esse paralelismo contemporâneo, certamente ele está no texto de origem, não simplesmente por uma figuração artística ou retrato histórico. Estratagemas miméticos sobre a realidade da mulher em contraponto com a dramaturgia do século XVIII no palco brasileiro mais de dois séculos depois são contingentes importantes para ter na dramaturgia clássica os espelhos que permitem o passado refletido no presente, sua resistência e sua estrutura declaradas.

O espetáculo do encenador brasileiro assinala que a ascensão da mulher em um espaço público, ou exercendo protagonismo, é uma ameaça ao domínio masculino dos espaços de poder. Como o homem acredita que pode agir tal como queira perante/com a mulher, configura-se a violência de gênero e a objetificação ao se posicionar contra ela, manipulando leis para uma complexa ordem a fim de satisfazer apenas a vida do homem e suas ideologias patriarcais. Há, assim, um menosprezo quanto a competência feminina.

Baskerville cria condições para que essa obra de Schiller seja revigorada com uma força impressionante: o encenador vê em Stuart uma voz feminina que pode falar pelas mulheres atuais. Na verdade, uma desmistificação do homem, revelando a mulher como um títere nas mãos patriarcais, submetida às suas leis e ordem, inferiorizada na divisão social do trabalho, relegada à subserviência e ao silenciamento. Icke identifica a voz feminina que não quer calar, dando à Mary Stuart uma figuração não apenas de uma rainha escocesa traída pelos seus seguidores, pela corte inglesa e vítima de um complô, mas também de uma soberana que ansiava pela unificação do poder da Inglaterra, Escócia e País de Gales.

Mary:  
Então

a lei foi completamente ignorada para  
que eu não pudesse provar minha inocência.  
Então no meu julgamento improvisado, onde a lei foi parar?  
E por que Babington não foi mantido vivo  
até que as provas pudessem ser admitidas?  
Por que minhas secretarias não são levadas à corte?  
Burleigh:  
Perda de tempo. Sua conspiração com Babington  
não é a única acusação que pesa contra você.  
Mary:  
É a única acusação que transgrediria a lei  
A lei que vocês criaram para me matar (ICKE, 2022, p. 22-23).

Certamente, Nelson Baskerville vê os ecos do golpe de Estado de 2016 (SANTOS et al., 2021) na trama de *Mary Stuart*. O recorte dos diálogos escolhidos por Icke auxiliam-no a revelar uma assustadora realidade do mundo masculino e da contemporaneidade política brasileira. Sendo assim, do espetáculo emergem reflexões sobre a justiça e o papel da mulher na sociedade, no sentido de revelar opressor e oprimido, a misoginia estrutural da sociedade, não da Inglaterra elisabetana, mas a brasileira do século XXI.

• 284

Mary:  
Você não pode confundir a verdadeira justiça com a política do estado.  
Qual é a lógica de um 'julgamento por iguais'?  
É essa: só confiamos em pessoas como nós.  
Como você pode julgar alguém que não está a sua altura?  
Como um escocês poderia julgar um inglês  
Quando ambos têm uma história e uma cultura tão diferentes?  
Ou um católico julgar um protestante?  
Ou um plebeu uma rainha – ou um homem uma mulher?  
As diferenças são muito grandes  
São modos de vida muito diferentes, e temos que  
respeitar – mas há um momento de unidade  
e empatia. Você não acha que  
nossos países são uma ilha no mundo  
Um espaço com um círculo no chão para andarmos dentro  
Uma rocha fustigada pelos verdes mares

E sim. Duas terras separadas, mas então, meu Lorde  
Essas fronteiras que nós criamos – na nossa cabeça –  
linhas imaginárias – que cortam a terra pela metade  
Não há nada na nossa geografia que divida  
A metade de cima da de baixo – mas por anos,  
por séculos, só fizemos guerras  
Dividíamos as coisas quando podíamos juntá-las  
Sem desejar (nem precisar) que os conflitos acabassem alguma  
vez  
Até que essas terras se unissem – (ICKE, 2022, grifo do autor, p.  
19-20).

A jornalista Giorgia Cavicchioli faz uma retrospectiva após cinco anos do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, citando uma frase da ex-Presidenta:

Fui descrita como uma mulher dura, e sempre disse que era uma mulher dura no meio de homens meiguíssimos. Eu nunca vi ninguém acusar um homem de ser duro, e a gente sabe que eles são. [...] Muitas vezes disseram para mim: mas você é sensível. Esta afirmação é estarrecedora, porque significa que conseguiram construir em torno de mim um nível de desumanização muito alto (|In CAVICCHIOLI, 2021).

285

- Na sessão de julgamento no Senado em 29 de agosto de 2016, Dilma ficou mais de 13 horas respondendo perguntas de 48 senadores. Durante aquele período obscurantista, as *Fake News* que circulavam eram de que a Presidenta tomava remédios psicotrópicos, pois não estava conseguindo lidar com aquela situação. Cavicchioli cita a página do Movimento Brasil Livre (MBL), que a categorizava com comentários em três eixos principais: “questionar a capacidade mental e intelectual de Dilma (com termos como ‘burra’ ou ‘louca’), colocar como pauta a vida sexual da presidente (a chamando de ‘prostituta’) e o de categorizá-la como ‘nojenta’” (CAVICCHIOLI, 2021, grifos da autora). Todos os xingamentos estavam relacionados com a questão de gênero.

Dilma ocupou um espaço que a sociedade brasileira não aceitou por ser deslocado daquele supostamente reservado à mulher ideal, restrita ao ambiente doméstico. Ao chegar à presidência, o alto escalão do poder no país,

exclusivamente composto por homens, considerou que ela estaria ousando não se conformar com o papel tradicional que lhe é atribuído, portanto não é digna de respeito. O investimento público na rejeição da mulher no poder, portanto, reitera um imaginário de que ela não poderia, em hipótese nenhuma, estar onde estava, exercer o cargo que exercia.

Desta forma, o que se observou foram uma multiplicidade de violências exercidas por uma parcela da população pelo fato de Dilma ser uma mulher e estar em um espaço de poder, exercendo protagonismo. Não houve o mesmo tratamento, por exemplo, ao ex-presidente Fernando Collor, que também sofreu *impeachment* [não um golpe de Estado] – muitos tiveram seu dinheiro roubado e não se manifestaram da mesma forma. Afinal, Collor é um homem. Ao homem tudo é permitido, até cometer grandes delitos, mentir e depois ser reeleito com grandes somas de votos.

As ideias de Virgínia Cavendish e Nelson Baskerville são, portanto, importantes para compreender a produção atual desta peça clássica. O espetáculo oferece reflexões políticas e sociológicas para se analisar a questão da mulher no protagonismo, exercendo poder numa sociedade extremamente machista, misógina e patriarcal: contradições potentes para serem exploradas pela composição cênica. O espetáculo expõe, assim, uma ferida social, política e histórica do país, outrora considerado alegre e feliz, um celeiro para o mundo, com um povo simpático, camarada e empático. Porém, sua estrutura revela uma burguesia hipócrita, que não sabe lidar com a desconstrução do papel social da mulher.

• 286



Figura 2. Elenco da montagem de Nelson Baskerville no Teatro do SESI, em São Paulo, 2022. Programa do Espetáculo *Mary Stuart* (2022). Fotografia de Priscila Prade.

## 5. Considerações finais

Schiller tem duas preocupações essenciais na construção narrativa de *Mary Stuart*: a da forma dramaturgica, identificada no lirismo, estampando versos quase inteiramente pentâmetros iâmbicos não rimados; e do conteúdo, estampada na produção histórica da monarquia e do poder, da justiça e da religiosidade, figurando duas rainhas idealizadas.

Robert Icke é um jovem encenador que procura identificar na obra clássica as estruturas da misoginia da sociedade britânica contemporânea. Sua adaptação revela pontos nevrálgicos da estrutura do sistema que mantém as regras sociais, a justiça, o poder, a conformação político-cultural.

Por sua vez, Nelson Baskerville utiliza a dramaturgia clássica como pano de fundo para parametrizar seu espetáculo com os acontecimentos político-históricos brasileiros sobre a questão da mulher no poder e o patriarcalismo. Sua obra é reveladora no sentido político e sociológico, pois permite reflexões acerca da opressão da mulher: o homem como uma personagem que faz cumprir a tradição patriarcal de sua superioridade moral e a justiça que cumpre

seu papel apenas para fazer valer os valores relativos que descumprem valores de igualdade, responsabilidade civil e liberdade.

O paralelismo do processo de degolação de Mary Stuart com o *impeachment* de Dilma Rousseff permite identificar as feridas patriarcais do país, revelando da capacidade do teatro em se valer de suas metáforas e elementos cênicos para pensar o momento histórico-político e contribuir para o raciocínio e o desenvolvimento. Em um país como o Brasil em que homens, que se julgam superiores e fazem leis, depõem uma presidenta mulher com um golpe, a adaptação atual de *Mary Stuart* parece soar acidamente como um grito de socorro das mulheres oprimidas pelo patriarcado e ao expor o preconceito estrutural de gênero em uma realidade política estarrecedora.

O espetáculo serve como um produto de revelação do retrato da sociedade brasileira, ainda com fundo romântico sobre o papel tradicional feminino, ainda calcado nas bases renascentistas de associação da mulher à subserviência, silenciamento e obediência.

A obra de Schiller, embora datada e com uma forma dramatúrgica que não se comunicaria com a plateia contemporânea, revela-se, a partir da adaptação de Robert Icke, uma narrativa potente para dar novos sentidos à história de Mary Stuart. Com isso, é possível observar, na obra de Baskerville, um espetáculo que reflete o momento atual, revelando tumores nas estruturas da sociedade: misoginia, machismo, patriarcalismo, especialmente no Brasil que se recusa peremptoriamente a promover uma mudança de paradigma, tendo em vista o fato de que mais de 400 anos se passaram desde a execução de Mary Stuart; e mais de 200 anos da criação transcorreram desde a criação dramatúrgica do romântico Schiller.

• 288

## Referências

BANDEIRA, Manuel. Prefácio. In: SCHILLER, Friedrich. *Mary Stuart*. Manuel Bandeira (Trad.). São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. V-XXV.

BASKERVILLE, Nelson. In: Programa do espetáculo *Mary Stuart*. Disponível através de leitura QR Code. São Paulo: SESI, 2022.

CAVALCANTI, Bruno. Atrizes se espelham em Dilma Rousseff para narrar duelo entre rainhas em peça. In: Folha de S. Paulo, Ilustrada, 17 ago. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/08/atrizes-se-inspiram-em-dilma-rousseff-para-narrar-duelo-entre-rainhas-em-peca.shtml>>. Acesso: 9 set. 2022.

CAVICCHIOLI, Giorgia. 5 anos do impeachment – entenda o papel do machismo no processo contra Dilma Russeff. Brasil de Fato. 17 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/04/17/5-anos-do-impeachment-entenda-o-papel-do-machismo-no-processo-contradilma-rousseff>>. Acesso: 22 set. 2022.

DRUMMONT NETO, Renato. Rainhas trágicas – Quinze rainhas que mudaram o destino da Europa. Lisboa: Vogais, 2016. 386 p.

GILBERT, Jenny. Mary Stuart, Duke of York's Theatre review – superb teamwork from Juliet Stevenson and Lia Williams in Schiller's thriller. Theartsdesk.com. 26 Jan. 2018. Disponível em: <<https://theartsdesk.com/theatre/mary-stuart-duke-yorks-theatre-review-superb-teamwork-juliet-stevenson-and-lia-williams>>. Acesso: 10 abr. 2023.

ICKE, Robert. Mary Stuart. London: Oberon Books, 2016. 119 p.

ICKE, Robert. Mary Stuart. Ricardo Lísias (Trad.). Digitado. 2022. 110 p.

289

- PROGRAMA DO ESPETÁCULO MARY STUART. Disponível através de leitura QR Code. São Paulo: SESI, 2022.

ROBERT ICKE. Disponível em: <<https://roberticke.com/>>. Acesso: 9 set. 2022.

SANTOS, Lyndon de Araújo; BACCEGA, Marcus Vinícius de Abreu; MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio. O Golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil. São Luís: EDUFMA, 2021. 132 p. E-book.

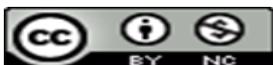
SCHILLER, Friedrich. Mary Stuart. Manuel Bandeira (Trad.). São Paulo: Abril Cultural, 1983. 224 p.

Recebido em 29/09/2022 - Aprovado em 08/04/2023

#### Como Citar

TOLEDO, L. M. A. de. Mary Stuart de Friedrich von Schiller, a adaptação de Robert Icke e a encenação de Nelson Baskerville: uma reflexão sobre o protagonismo feminino. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 19, n. 1, [s.d.]. DOI: 10.14393/OUV-v19n1a2023-67120.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/67120>.



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.